

JOVENS MÚSICOS DE CORPORAÇÕES MUSICAIS E A CONSTRUÇÃO DE SEUS PROJETOS DE VIDA

Sara Santos Caetano – Bolsista de iniciação científica PIBIC/FAPEMIG/UFSJ/LAPIP

Marcos Vieira-Silva – Prof. Dr. da UFSJ/LAPIP

Marília Novais da Mata Machado – Profa. Dra. e bolsista PVNS/CAPES/UFSJ/LAPIP

Aracelly Galvino Alvarenga – Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq/UFSJ/LAPIP

INTRODUÇÃO

O Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (LAPIP) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), desde sua criação, em 2000, recebe demandas de prestação de serviços a grupos e órgãos públicos. O atendimento a tais demandas é importante, pois se refere a necessidades sociais concretas. Tal atendimento gera tanto a melhoria dos serviços públicos prestados a população, já que essa se encontra desprovida desses serviços, quanto a melhoria da aprendizagem dos alunos, ampliando a formação na graduação e promovendo a produção do conhecimento científico.

São feitos também trabalhos junto a corporações musicais, a respeito do surgimento de fenômenos grupais que influenciam a identidade dos membros e sobre as suas manifestações de afetividade. A música é vista como mediadora na constituição dos sujeitos inseridos nos grupos musicais e tem implicações na construção de seus projetos de vida.

A atividade musical é forte referência para os cidadãos são-joanenses, tanto para o público que assiste aos espetáculos quanto para os músicos e aspirantes à atividade musical, podendo ser ilustrada pelo fato da cidade ser conhecida como *cidade da música e dos sinos*. Há 18 corporações musicais em São João del-Rei e cidades circunvizinhas de Campos das Vertentes, todas contando com a participação dos músicos e aspirantes a músicos. Com o início do Curso de Música na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), criou-se uma possibilidade de acesso maior à profissionalização para os membros das Bandas e Orquestras da região. Destarte, as corporações musicais se encontram, mesmo que de maneira implícita, vinculadas ao curso de música da UFSJ e vice-versa, como está expresso no site da própria Universidade: “O curso de licenciatura em Música da UFSJ foi criado em 2006, com o intuito de fornecer sólida formação musical e pedagógica, e atender a demanda por profissionais qualificados para atuarem como músicos-esdutores, instrumentistas, cantores, pesquisadores e criadores de música” (<http://www.ufsj.edu.br/cmusi>).

De tal maneira, a possibilidade de os músicos se profissionalizarem e construírem projetos de vida pautados numa atividade criativa que lhes permite re-significar a própria vida e a realidade se faz uma possibilidade concreta para esses sujeitos, além de permitir que a tradição musical na “cidade da música e dos sinos” não se perca no curso da história.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de um período mais extenso de análise das informações sobre a evolução histórica das corporações musicais, principalmente no que diz respeito à busca mais precisa das características da afetividade e identidade grupais e de suas articulações com a formação musical de seus membros. Justifica-se também pelo imperativo de solidificar a parceria com atividades de extensão do curso de Música da UFSJ, envolvendo as corporações musicais, e, ainda, para a efetivação do contato e da troca entre pesquisa e extensão, articulando os cursos de Psicologia e Música da UFSJ. Por fim, há a necessidade de conclusão da temática dos projetos de vida de jovens músicos, assim como a inserção desses jovens no contexto da pesquisa, especialmente, de jovens que atuam como músicos em alguma corporação e, ao mesmo tempo, são alunos da graduação em música pela UFSJ.

MÉTODO

Trabalhamos com os pressupostos da pesquisa participante. Realizamos observações na Orquestra Ribeiro Bastos, acompanhando os ensaios aos sábados e também as apresentações. Filmamos algumas dessas apresentações e realizamos entrevistas semi-estruturadas com dois músicos que participam dessa orquestra e, ao mesmo tempo, cursam o último ano da graduação em Música na UFSJ. Também fizemos uma entrevista com um jovem, participante da mesma orquestra, que cursa a graduação em Música na UFMG. Pretendemos entrevistar mais um músico. O procedimento para tratamento dessas entrevistas será a Análise do Discurso.

Os resultados aqui apresentados são parciais, pois o estudo está em andamento. Apresentaremos nossa revisão bibliográfica, construída paralelamente à realização das entrevistas e observação da orquestra.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pequeno histórico da música em São João del-Rei

No século XVIII, Minas Gerais possuía uma vida musical rica e intensa, devido aos compromissos litúrgicos da época; havia cerca de 15.000 músicos em atividade, sendo que 1.500, entre eles, eram compositores. A primeira referência que se tem de uma Orquestra de São João del-Rei é datada de 1717 e se encontra nos manuscritos de Samuel Soares de Almeida, que relata a visita do Governador da Capitania de Minas Gerais, Dom Pedro de Almeida e Portugal, o conde de Assumar. Fica evidente a proximidade temporal com a fundação de São João del-Rei como vila, em 1713, isso é, na mesma década, o que demonstra que a execução musical sempre se fez presente na história local. Em seus manuscritos, Almeida descreve todas as homenagens prestadas ao Governador da Capitania de Minas Gerais, bem como as músicas escolhidas pelo maestro Antônio do Carmo. Devido ao extenso calendário de eventos religiosos dos quais a Orquestra participava, houve uma separação dela em duas corporações musicais: as orquestras Ribeiro Bastos e Lira Sanjoanense. A Ribeiro Bastos mantinha uma orquestra, que atendia às procissões, e uma banda, que atendia a festas profanas. Elas se separaram por desavenças entre os músicos, nascendo, a partir daí, a Banda de Música Teodoro de Faria (QUEIROZ e VIEIRA-SILVA, 2005).

Porém, no século XIX, com a diminuição das riquezas e mudanças na economia, os músicos deixaram de se dedicar exclusivamente à música e a maior parte das orquestras e bandas se estagnaram ou regrediram até o seu fim. Mesmo assim, a música era diferencial social, muitos músicos investiam nessa carreira para obter ascensão social. A cidade de São João del-Rei manteve viva a tradição musical de Minas Gerais, com as atividades ininterruptas da Orquestra Ribeiro Bastos e da Orquestra Lira Sanjoanense, bem como da Banda de Música Teodoro de Faria (QUEIROZ e VIEIRA-SILVA, 2005).

Processo Grupal

Para Pichón-Riviére (1991), o grupo se define como um conjunto restrito de pessoas, que são ligadas por constantes de tempo e espaço e articuladas por uma mútua representação interna. Tal grupo se propõe implícita ou explicitamente a realizar uma tarefa que constitui sua finalidade, isso é, a tarefa externa. Esse autor afirma também que o grupo assume o que ele denomina de tarefa interna, que implica em fazer-se grupo, pensando e elaborando o seu próprio processo grupal. Nessa perspectiva, o processo grupal se configura como um movimento dialético, ou seja, há momentos em que ele parece regredir ou progredir, amadurecer ou tornar-se resistente as mudanças. O grupo, então, vivencia vários fenômenos em seu cotidiano.

Martin-Baró (1989) afirma que o grupo se constitui como uma estrutura de vínculos e relações entre os membros que focalizam em cada circunstância algumas necessidades individuais ou interesses coletivos. Esse autor compartilha da concepção de Lane (1984), para quem o grupo possui um caráter histórico.

Projeto de Vida

O homem, na visão de Sartre (1987), não possui uma essência ou uma natureza humana *a priori*, ele é um *Nada* e sua tarefa é se fazer. Assim, no movimento de abertura para o mundo, é que o homem constrói aquilo que é, isso é, sua essência, que também está em constante construção e modificação, pois o homem é projeto.

Sartre afirma que o sujeito sempre busca uma superação ou uma negação de uma objetividade, de uma realidade. Essa busca abarca o que ele denominou projeto, compreendendo a realidade humana como sendo sempre um *desejo de ser* que se caracteriza pelo movimento do homem no mundo, um impulso ao não existente, aquilo que ele não é, mas que almeja ser no futuro. Assim, Sartre (1986) diz que, a princípio, na ação, o homem nega uma realidade:

O ponto de partida é que algo é negado daquilo que vemos, que sentimos em nome de algo que não vemos e não sentimos. A partir daí temos a possibilidade permanente de irmos além, do presente em direção ao futuro, de nos definirmos por um futuro e por aquilo que criamos (p. 77).

Sartre (2000) afirma também que a consciência busca uma superação ou uma *negação* de uma objetividade. Ele denominou essa busca *desejo de ser* ou projeto de ser ou, ainda, projeto de vida. O que caracteriza esse projeto são as ações do homem no mundo, um impulso ao não existente, aquilo que ele não é, mas que almeja ser no futuro. Assim, Sartre (1986, p.77) diz que, a princípio, na ação, o homem nega uma realidade:

Pelo projeto, há negação de uma situação definida em nome de uma situação que não existe... Negatividade, ou seja, recusa, fuga, nadificação, chamem como quiserem. Mas o ponto de partida é que algo é negado daquilo que vemos, que sentimos em nome de algo que não vemos e não sentimos. A partir daí temos a possibilidade permanente de irmos além, do presente em direção ao futuro, de nos definirmos por um futuro e por aquilo que criamos.

Somos projeto, agimos no presente à luz de um futuro, de um objetivo a alcançar, de algo que desejamos conquistar. Por isso, o futuro guia, de maneira geral, nossos atos no presente. Maheirie (2002) corrobora com essa ideia, pois, segundo ela, o futuro é uma

multiplicidade de possibilidades, “é aquilo que poderei ser, a posição futura que poderei ocupar, as relações afetivas que poderei vivenciar, etc” (p. 40).

Assim, o homem age e se constrói pela práxis, sempre inserido em um determinado campo de possíveis. Segundo Sartre (1967), a práxis é uma superação de um dado objetivo que só é concebível como uma relação do homem com o campo dos possíveis. Assim, ele afirma:

Dizer de um homem o que ele é, é dizer ao mesmo tempo o que ele pode e reciprocamente: as condições materiais de sua existência circunscrevem o campo de suas possibilidades. É superando o dado em direção ao campo dos possíveis e realizando uma possibilidade entre todas que o indivíduo se objetiva (p. 79)

Essa capacidade do homem agir é dada pela liberdade, característica fundamental para se entender o projeto. O homem é livre para escolher e para se fazer. Mas a liberdade não pode ser confundida com livre arbítrio, ela significa apenas que o homem pode agir, escolher, atuar, em um contexto específico (SARTRE, 2000).

Sartre (1967) nos diz que geralmente vivemos em projetos alienados; por isso, muitas vezes, há modificações nos resultados finais de nossas ações. Mas isso não quer dizer que não sejamos sujeitos de nossa própria história e não possamos transformar nossa realidade por meio de ações:

A alienação pode modificar os *resultados* da ação, mas não sua realidade profunda. Recusamos confundir o homem alienado com uma coisa, e a alienação com leis físicas que regem os condicionamentos de exterioridade. Afirmamos a especificidade do ato humano, que atravessa o meio social, conservando-lhe as determinações e que transforma o mundo sobre a base das condições dadas (SARTRE, 1967, p. 76).

Logo, o projeto é ao mesmo tempo fuga e salto para frente, recusa e realização. Tal projeto retém e revela a realidade superada, negada pelo movimento que a supera (SARTRE, 1967). Portanto, o projeto retém a dialética do objetivo e do subjetivo, pois o sujeito subjetiva o objetivo de uma dada realidade e, também, objetiva sua subjetividade objetivada.

Identidade

Os trabalhos de Ciampa (1994) sobre identidade levam em consideração o estudo do homem em três perspectivas: identidade, consciência e atividade. Dessa maneira, a dialética sartriana se entrelaça com essa postura, pois a identidade é metamorfose, desejo-de-ser,

projeto. Assim, o sentido das atividades humanas, isso é, das escolhas humanas, são sínteses que se encontram nos dois autores (MAHEIRIE, 1994).

De acordo com Ciampa (1994), o homem é produto e produtor de sua história. Assim, esse autor afirma: “Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais” (p. 127).

Desse modo, é sobre um campo de possíveis que o homem se faz. As condições para a ação dependem da economia, da política e da cultura de uma dada sociedade. O homem vai se construindo historicamente, produzindo sua história coletiva e sendo produzido por ela, mas sempre em função de um projeto (MAHEIRIE, 1994).

Isso quer dizer que o homem realiza sua história, mas nem sempre o resultado final é o que ele espera, pois tal história é obra de uma coletividade, não apenas de um homem. Assim, para Ciampa (1994), a identidade não pode ser definida como algo pronto, acabado, mas sim como estando em constante produção, transformando-se no decorrer das relações estabelecidas socialmente, sendo influenciada por elas e influenciando-as reciprocamente. Portanto, a identidade é metamorfose, sofre mudanças e, no seu processo de construção, é influenciada pelas atividades que desenvolvemos e pelas características e papéis que nos são atribuídos e que incorporamos como nossos.

Dessa forma, para Ciampa (1994), participamos ativamente da construção de nossa identidade individual e coletiva, mas recebemos influências das relações sociais estabelecidas na produção de nossa identidade, sendo essas, concomitantemente condição e consequência da construção da identidade.

Martin-Baró (1989) descreve a identidade coletiva como sendo uma unidade de conjunto, uma totalidade que permite distinguir um grupo de outro, se diferindo da soma das identidades individuais de cada membro. De tal modo, a produção da identidade grupal envolve uma totalidade que contenha uma particularidade, permitindo uma diferenciação de outras totalidades. A identidade de cada membro individual compõe a identidade do grupo, mas a última transcende a simples soma das individualidades (VIEIRA-SILVA, 2000).

Significações da Música e Afetividade

Para Sartre (2000), o homem é um ser significativo, ou um ser de significações e essas são definidas por seu projeto. Maheirie (2002) se refere à significação como a possibilidade do sujeito visar, por meio da música, outro objeto, como é o caso da literatura presente na

música. Caso contrário, uma melodia sem letra, uma música instrumental, pode estar carregada de sentido, mas não está carregada de significados, pois esses são produtos da relação com os sujeitos ouvintes.

Assim, de acordo com Sartre (1972), o sentido corresponde àquilo que o humano fixa nos objetos, é o próprio sentido que o objeto traz em si. Para ele, “a música é uma bela muda de olhos carregados de sentido” (p. 27). Já o significado ou significações são produtos da relação do sujeito com o objeto, podendo ser abstratas ou concretas, isso é, coletivas ou singulares, respectivamente. Para que o homem signifique um objeto, esse não precisa necessariamente carregar um sentido em si. Ambos os conceitos são articulados ao contexto sócio-cultural no qual se inscreve.

De acordo com Maheirie (2002), o sentido da música depende essencialmente de sua materialidade, devendo ser capaz de revelar uma totalidade, como por exemplo, uma época, um contexto, um grupo, um sujeito: “há uma presença silenciosa, em todos os objetos sonoros, de toda época e de sua concepção de mundo” (SARTRE, 1972, p. 28). Assim, pode-se dizer de um comprometimento do músico com seu tempo, pois, ao tomar a sua arte como objeto, atribui e fixa nela as condições de ser sujeito em sua época, em seu contexto sócio-histórico. Então a música é uma atividade humana que se objetiva no mundo, é mediada pela subjetividade, construindo a história. Ela é produto da construção dessa história e também a constrói pela mediação humana. Isso significa que a música pode ser produtora de significados coletivos sociais, culturais e individuais, podendo reproduzir tais significados (MAHEIRIE, 2002).

Do ponto de vista de Maheirie (2003), quando o sujeito está mergulhado em uma música, ele atribui significado ao mundo que o cerca por meio de uma consciência afetiva. Primeiramente, percebemos a sonoridade da música (consciência perceptiva), depois degradamos um saber anterior que tenha relação com os elementos percebidos desse som (consciência imaginária); em seguida, transformamos esse saber e atribuímos um sentido à música (reflexão espontânea); posteriormente, estabelecemos um significado para a música que pode corresponder ao significado coletivo ou não. As características da música aparecem determinadas pela consciência afetiva que lhe dá nova significação (MAHEIRIE, 2003).

Dessa forma, a música não traz uma significação *a priori*, pois essa depende das relações estabelecidas entre os sujeitos e o sentido e deles com o contexto sócio-cultural mais amplo, numa dialética constante. Logo, é preciso buscar as significações na especificidade da história, que é repleta de contradições e superações (MAHEIRIE, 2002).

Segundo Maheirie (2001), a música nos “toca” espontaneamente. E nesse estado específico ela nos atinge no âmbito da afetividade, que engloba tanto os sentimentos quanto

as emoções. Portanto, a música é uma linguagem reflexivo-afetiva e possui uma função mediadora, pois os processos se realizam por meio dela, modificando experiências sociais e re-significações pessoais, em uma fusão de subjetividade e objetividade. Ela contribui para a construção dos sujeitos em seus grupos sociais, sendo uma fonte importante de seus discursos. É a música que constitui um contexto grupal específico, ganhando sentido por meio desse contexto.

PRIMEIROS RESULTADOS:

RETOMANDO AS CONCEPÇÕES DE PROJETO DE VIDA NA PESQUISA

A perspectiva de análise dos projetos de vida de jovens músicos e musicistas tem aparecido recorrentemente desde o início da investigação das corporações musicais da região de Campos das Vertentes, mesmo que de forma embrionária. Projeto de Vida aparece em 16 dentre 30 publicações da pesquisa, contemplando relatórios finais de pesquisa, trabalhos completos publicados em anais de eventos científicos e resumos expandidos, nos anos de 2006 a 2010. Dessas 16 publicações podemos perceber a relevância da contribuição de três autores: Arminda Aberastury, Juarez Dayrell, Cornelius Castoriadis e Eugène Enriquez. A primeira menção a essa categoria é de 2006, numa articulação do projeto de vida com a profissionalização via música. As definições começam a se delinear apenas em 2008, ano em que a categoria passou a ser objeto específico de estudo da pesquisa. De forma geral, entende-se o projeto de vida como o movimento de transformação constante do sujeito, como o ato de lançar-se no futuro, elaborando metas e objetivos.

Vale ressaltar que a profissionalização é pensada por muitos jovens músicos da região como possibilidade do desenvolvimento do fazer musical como amadores ou, ainda, como professores de educação musical. A maior parte dos jovens músicos investigados sente muito orgulho de participar de um processo coletivo de construção cotidiana de uma identidade de músico e de corporações musicais que datam de duzentos a trezentos anos.

Ainda não se sabe como a música influencia os projetos de vida dos membros das corporações, posto que os resultados do estudo revelassem o sentimento de amor do músico por sua arte. Contudo, alguns se projetam em uma profissionalização, desejando ingressar na graduação em Música da UFSJ, e outros não.

A bibliografia referente a essa temática na Psicologia Social é muito vasta e permeada por diferentes concepções teóricas. Para efeito de nossa investigação, se faz necessário um recorte atualizado que permita uma melhor visualização de concepções que nos auxiliem a

contextualizar nosso objeto. Foram selecionados autores e temáticas de acordo com nossas indagações e considerações produzidas em trabalhos anteriores e/ou a partir deles.

PRIMEIRAS CONCLUSÕES E OUTRAS INDAGAÇÕES

Gonçalves e Vieira-Silva (2010) apontam que a música se configura como um projeto de vida dos jovens músicos – profissionais ou amadores – participantes de corporações musicais. De nosso lado, indagamos como o projeto de vida é construído e quais são as suas peculiaridades. Na tentativa de nos aproximar do nosso objeto de estudo, escolhemos o referencial teórico de Jean Paul Sartre, por acreditarmos que poderá nos auxiliar a responder nossa pergunta.

A música, com sua função mediadora, é objeto pelo qual o homem atribui significações. Por meio dela o músico pode enxergar o mundo de determinada maneira, a partir da afetividade que ela desperta. Portanto, entender tais significações torna-se pertinente aos objetivos deste trabalho. Dessa forma nos indagamos como, no processo de agir, a música influencia o projeto de vida dos sujeitos.

A partir das questões descritas acima, acerca do projeto de vida e da música, pode-se indagar sobre a maneira como os músicos estão constituindo-se como sujeitos ou se projetando. Os projetos dos músicos estão sendo refletidos criticamente ou sendo vividos de maneira espontânea, no âmbito do imediato, da não reflexão ou até mesmo da alienação?

Como já foi dito, alguns deles se projetam em uma profissionalização via música e outros não, embora todos pareçam viver o sentimento de amor pela música. É necessário entender esse sentimento pela música, ou seja, as significações que cada sujeito lhe atribui. Os discursos dos jovens músicos entrevistados serão analisados a partir desse referencial teórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LANE, S. T. M (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAHEIRIE, K. **Agenor no mundo: um estudo psicossocial da identidade**. Florianópolis, RS: Letras Contemporâneas, 1994.

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002.

MAHEIRIE, K. (2001). “**Sete mares numa ilha**”: a mediação do trabalho acústico na construção da identidade coletiva. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MAHEIRIE, K. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. 2, p. 147-153, 2003.

MARTÍN-BARÓ, I. **Sistema, grupo y poder**. San Salvador: UCA Editores, 1989.

PICHÓN-RIVIÉRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

QUEIROZ, G. A.; VIEIRA-SILVA, M. **A música e suas articulações identitárias um estudo exploratório em corporações musicais de São João del-Rei e região**. Relatório final de pesquisa – Programa de Iniciação Científica – Universidade Federal de São João Del-Rei, agosto de 2005.

SARTRE, J. P. **Questão de método**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1967.

SARTRE, J.P. **Situations, IX. Mélanges**. Paris: Gallimard, 1972.

SARTRE, J. P. **Sartre no Brasil: A conferência de Araraquara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo** (Coleção Os pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 2000.

VIEIRA-SILVA, M. **Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações**. Tese de Doutorado em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

Site consultado: <http://www.ufsj.edu.br/cmusi> (Acessado em 02/06/12)